



## Imaginação e fantasia nas fotografias de *gênesis* de Sebastião Salgado

Silvio Nunes Augusto Junior  
Anderson Vinícius Romanini

Resumo: O presente trabalho aborda, segundo uma perspectiva semiótica, a recente obra fotográfica *Gênesis*, trabalho realizado ao longo de 8 anos pelo fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. A filosofia de Charles Sanders Peirce, nesse sentido, se revela pertinente ao estudo das imagens e da epistemologia da lógica de produção fotográfica.

Palavras-chave: Fotografia. Semiótica. Sebastião Salgado. *Gênesis*. Imaginação.

Abstract: **Imagination and fantasy on photos of the *Genesis* from Sebastião Salgado.** This paper discusses, in a semiotic perspective, the recent photographic work *Genesis*, realized during 8 years by brazilian photographer Sebastiao Salgado. The philosophy of Charles Sanders Peirce, accordingly, proves relevant to the study of images and epistemology of logic photographic production.

Keywords: Photography. Semiotic. Sebastião Salgado. *Gênesis*. Imagination.



## Introdução

Inutilmente, magnânimo Kublai, tentarei descrever a cidade de Zaíra dos altos bastiões. [...] mas sei que seria o mesmo que não dizer nada (CALVINO, 1990).

Sebastião Salgado é um dos principais nomes da fotografia brasileira, tendo atuado em algumas das principais agências de fotografia do mundo, como, por exemplo, a agência Magnum, fundada em 1947 e liderada por Robert Capa.<sup>1</sup> Apesar de não ter iniciado sua vida profissional pela fotografia, foi graças à sua formação em economia e um trabalho na Organização Internacional do Café, na década de 1970, que Salgado descobriu a arte fotográfica. Seus retratos já registraram, desde então, fotos para jornais e agências de fotografia, além de imagens sobre a situação socioeconômica ao redor do Mundo para diversas organizações, como, por exemplo, UNICEF, OMS, Médicos sem Fronteiras e Anistia Internacional.

Optou, ainda jovem, por se dedicar a trabalhos e projetos individuais, forma que encontrou para explorar seu talento e que acabou por consagrar as experiências adquiridas em suas viagens. Atualmente é referência internacional para fotógrafos e fotojornalistas em geral. Entre fotos e projetos, recebeu mais de 10 prêmios como fotógrafo e fotojornalista, dentre eles o 40º Prêmio Jabuti de literatura, na categoria reportagem. É autor de mais de 10 livros, sendo Gênesis, publicado pela Editora Taschen, sua obra mais recente. Com mais de 250 mil cópias do livro vendidas somente nos primeiros quatro meses de publicação, a obra Gênesis despertou interesse e curiosidade até mesmo daqueles que desconheciam o trabalho de Salgado.<sup>2</sup>

As imagens publicadas em Gênesis surpreendem e encantam porque, além de tecnicamente perfeitas e esteticamente belas, não retratam uma realidade da experiência comum do leitor ou visitante de sua exposição. Elas são intrigantes porque parecem imaginadas pelo próprio fotógrafo, embora verossímeis como registro de uma realidade desconhecida. Salgado

---

<sup>1</sup> Robert Capa foi um fotógrafo que viveu na primeira metade do século XX, sendo até os dias de hoje uma referência para curiosos e amadores, fotógrafos em geral, mas principalmente para fotojornalistas. Sua dedicação e envolvimento com as pautas são exemplos de coragem, pois sempre envolveram guerras e conflitos armados.

<sup>2</sup> Imagens disponíveis na internet com ilustração geográfica de onde foram registradas. Disponível em: <<http://www.vale.com/PT/aboutvale/initiatives/genesis/Documents/genesis/index.html#/mapa>>.



nos conduz por suas imagens como se fosse um morador nativo e profundo conhecedor de cada uma das paisagens que revela, ou de seres vivos que nos apresenta.

Gênesis impressiona pela forma como lida com a extinção e suas consequências. As imagens, marcadas pelo exotismo, outra característica do fotógrafo, refletem não apenas nossa distância para com a natureza e povos distantes dos grandes centros urbanos e capas de revista, mas também nos faz refletir sobre nosso desconhecimento sobre o mundo, sobre o diferente, sobre uma visão que está além daquilo que podemos prever, muitas vezes sequer podemos imaginar.

### **Marco Polo no Jardim do Éden**

Há interessantes paralelos entre o poético registro fotográfico feito por Salgado em Gênesis e o registro literário que o personagem Marco Polo faz das cidades que conheceu no império tártaro ao Rei Khan, no livro *Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino (1923-1985). Na trama, o mercador Marco Polo é convidado por Kublai Khan a descrever os horizontes de um reino tão imenso que parece se projetar para além da realidade. As cidades visitadas por Marco Polo, por mais que sejam descritas com riqueza de detalhes que só uma testemunhar ocular poderia fazer, lançam o leitor no território da imaginação. Dessa forma, Calvino oferece ao leitor a oportunidade de viajar e se perder nas imagens criadas pelo viajante veneziano.

Os diálogos entre Marco Polo e o Rei Khan se assemelham ao diálogo imagético entre Salgado e os leitores e apreciadores de Gênesis. Por exemplo, algumas das localidades descritas por Marco Polo levantam a suspeita do rei de que tenham sido contaminadas por exageros ou floreios, que chega a questionar a veracidade do que está sendo dito. As palavras que utiliza, a forma como descreve a intensidade das cores e luzes, a aparência das construções e também das pessoas, enfim, tudo parece estar tomado por uma camada onírica, apesar da aparente objetividade do trabalho para o qual Marco Polo fora encarregado. Ao final do livro, Marco Polo confessa a Khan que, embora cada uma das cidades seja única, ele estivera sempre descrevendo sua cidade natal, Veneza, a única que preenche sua imaginação e oferece as metáforas que lhe servem para ver e compreender qualquer outra cidade do mundo.



Assim acontece com as fotografias de Sebastião Salgado. São imagens que permitem ao observador vislumbrar as aventuras do fotógrafo pelos lugares desconhecidos pelos quais ele viajou, pelas estradas longínquas que desbravou e pelas temperaturas gélidas as quais sobreviveu. Animais nunca vistos ampliados em alta-definição, quase que ao vivo e a cores. Ao mesmo tempo, tem-se a impressão de que Salgado esteja fotografando um mundo imaginado cuja realidade depende apenas de sua mente – um éden inabitado por seres humanos, virgem dos impactos da civilização, primitivo em suas paisagens ainda intocadas. A Veneza de Sebastião Salgado é o paraíso bíblico do Gênesis.

O retrato de dois albatrozes, ave marinha de grande envergadura, podendo atingir até 340cm quando totalmente estirada de asas abertas, no arquipélago Willis, Atlântico Sul, ilumina-nos para o universo criativo de Salgado. O enquadramento, que sugere proximidade com o animal, tendo em vista a perspectiva dos planos mais ao fundo, demonstra conhecimento sobre a espécie e seu habitat. Além disso, deixa claro uma das principais características da fotografia de natureza: a espera. Apesar de existirem fotos que reproduzam a fugacidade do ato fotográfico, aguardar o momento certo para conseguir a pose e a composição ideal são aspectos indispensáveis para registrar uma fotografia sem controle sobre as condições de luz ou movimento. Em outras palavras, para lidar com a força da imprevisibilidade. É o que fica claro na figura 1:



**Figura 1 - Colônia de albatrozes no arquipélago Willis, no Atlântico Sul (2009). A ilha, descoberta no século 18 pelo explorador inglês James Cook, foi palco para algumas das imagens registradas por Sebastião Salgado.**



Fonte: ZANATTA, Kênya. Viagem às origens do mundo. BRAVO ONLINE. São Paulo, n. 188, abril, 2013.

### **Entre a fotografia e a imaginação**

É exatamente por essa capacidade de registro da subjetividade que o estudo dos acontecimentos históricos pela fotografia é tão polêmico, mas tão importante. Não são raros os casos onde imagens falam mais do que palavras. Quando se assume a intenção dos olhares e se reconhece a marca de quem registra, fica mais fácil interpretar os fatos em questão. "Estudar a nossa época por meio de um trabalho fotográfico é algo fundamental" (URBAN apud PERSICHETTI, 1997, p. 39), não apenas pelo aspecto documental da imagem, mas exatamente por sua natureza pictórica e flexível, passível de imaginação e fantasia.

Gênesis é uma dessas obras pelas quais podemos estudar um pouco de história, mais especificamente uma história da vida segundo impressões da natureza. Fauna e flora eternizadas em registros capazes de nos fazer imaginar além do conhecido. Comunidades ainda não



impactadas pelo que poderíamos chamar de "progresso". Mais de 30 países em 8 anos de trabalho.

## Semiótica

Caminha-se por vários dias entre árvores e pedras. Raramente o olhar se fixa numa coisa, e, quando isso acontece, ela é reconhecida pelo símbolo de alguma outra coisa: a pegada na areia indica a passagem de um tigre; o pântano anuncia uma veia de água; a flor do hibisco, o fim do inverno. O resto é mudo e intercambiável - árvores e pedras são apenas aquilo que são (CALVINO, p. 17, 1990).

A semiótica foi criada pelo filósofo, matemático e lógico norte-americano Charles S. Peirce (1839-1914) como uma lógica geral capaz de cobrir todos os processos da mente. Não apenas os racionais, atribuídos tradicionalmente ao logos e a capacidade que os símbolos têm de representar verdadeiramente, mas também aos processos criativos da mente, em novos conceitos são criados por meio de inferências. Se a lógica tradicional enfocava principalmente a análise, a semiótica peirceana exigia um entendimento dos processos sintéticos da mente.

De fato, o ponto nevrálgico da semiótica peirceana está no desafio que Kant lançou aos filósofos futuros, depois que havia publicado seu sistema transcendental: como são possíveis os juízos sintéticos a priori? Por juízos sintéticos Kant entendia aqueles baseados na experiência, como a observação de uma paisagem natural ou um fenômeno físico qualquer. Por a priori, Kant entendia algo geral, da natureza de uma ideia que povoa nossas mentes e que, de alguma forma até então desconhecida, era capaz de conduzir a experiência na direção de um propósito final: uma imagem nova, uma hipótese criativa.

A faculdade de imaginação, de arranjar qualidades em formas inéditas, de produzir diagramas possíveis, está no coração tanto da Matemática quanto das artes. Ambas dependem de um tipo de síntese extremamente sutil que se dá nas profundezas não-conscientes da mente, capaz de unir os elementos primitivos da percepção e produzir um universo de fantasia. Seria um tipo de sonho, um contínuo de sensações criativas e que faz a ponte entre a percepção não-consciente e o estado de vigília e de pensamento autocontrolado. Sem esse processo de síntese abstrativa, nenhuma nova ideia poderia ser introduzida na mente, nenhuma inovação seria trazida à tona na realidade, nenhum artista seria capaz de criar e questionar o real:



O tipo mais elevado de síntese é aquele que a mente é compelida a realizar não pelas atrações interiores dos próprios sentimentos ou representações, nem por uma força transcendental de necessidade, mas, sim, no interesse da inteligibilidade, isto é, no interesse do próprio “Eu penso” sintetizador; e isto a mente faz pela introdução de uma ideia que não está contida nos dados e que produz conexões que esses dados, de outro modo, não teriam. Este tipo de síntese não tem sido suficientemente estudado, e de modo especial o relacionamento íntimo de suas diferentes variedades não tem sido devidamente considerado. O trabalho do poeta ou novelista não é tão profundamente diferente do trabalho do homem da ciência. O artista introduz uma ficção, porém não uma ficção arbitrária; essa ficção demonstra certas afinidades às quais a mente atribui uma certa aprovação ao declará-las belas, o que, se não corresponde exatamente a dizer que a síntese é verdadeira, é algo do mesmo tipo geral. O geômetra desenha um Diagrama, que não é vexatamente uma ficção, mas que é pelo menos uma criação, e pela observação desse Diagrama ele é capaz de sintetizar e mostrar relações entre elementos que antes pareciam não ter nenhuma conexão necessária (PEIRCE, 1931-1935, v. 1; 1992, v. 1, p. 261).

Assim como cada uma das cidades invisíveis de Italo Calvino são diagramas, arranjos de qualidades unidas em formas estéticas originais, também as fotografias de Gênesis nos permitem imaginar e fantasiar um mundo que, de certa forma, não é o nosso. Podemos nos debruçar sobre as imagens e supor quais teriam sido as dificuldades enfrentadas por Salgado, se por ventura algum daqueles animais gigantescos são, na realidade, seres dóceis e carinhosos, como no universo lúdico dos filmes infantis.

Essa nossa capacidade de ir além do real possui papel fundamental para o desempenho de diversas atividades do dia a dia. A imaginação não prevê a atitude dos indivíduos, mas ela arma e amplia o leque de possibilidades sobre uma decisão.

Poderíamos distinguir, à luz da filosofia peirceana (PEIRCE, 1931-1935, v. 5), dois tipos de crenças que nos orientam no processo de tomada de decisão: uma delas advém do conhecimento prático e outra do conhecimento teórico. Isso não quer dizer que elas estejam separadas, quer dizer que alguns tipos de conhecimentos nós adquirimos por meio da experiência prática cotidiana, no dia a dia, como quando uma criança curiosa que toca numa chapa quente para ganhar informação sobre o mundo por meio da sensação. Mesmo que tenha sido alertada sobre a possibilidade de uma queimadura, a criança se expõe ao risco porque sente um desejo incontável de satisfazer sua curiosidade por meio da experiência, que é justamente o desejo de inteligibilidade expressa pelo “eu sintetizador”, ou ego.



Assim também ocorre com outros tipos de conhecimento, como pregar um prego na parede ou clicar o disparador de uma câmera fotográfica, pois, para Peirce (1931-1935, v. 5), "não temos o poder de introspecção mas sim, todo conhecimento do mundo interno deriva-se, por raciocínio hipotético, de nosso conhecimento dos fatos externos", ou seja, criam-se hipóteses e, ao extrair-se as consequências, verifica-se a validade dos argumentos. Antes de bater um prego na parede uma série de conhecimentos prévios antecipou nossa ação, desde processos mais simples, tais como segurar o martelo e o prego, até ter observado alguém desempenhando essa função. Daí afirmação de que "toda cognição é determinada logicamente por cognições anteriores" (1931-1935, v. 5). Aprender a mirar o prego com a ponta virada para a parede é, em essência, o mesmo processo de dirigir o olhar através da lente de uma câmera para o objeto a ser fotografado.

A fotografia dos filhotes de elefante-marinho, registrada numa das praias da baía de Saint Andrews, Geórgia do Sul, ilustra o universo de possibilidades que a imaginação criativa e lógica podem produzir quando combinadas no olhar de um fotógrafo como Sebastião Salgado.



**Figura 2 - Filhotes de elefante-marinho-do-sul na baía de Saint Andrews. 2009.**



Fonte: ZANATTA, Kênya. Viagem às origens do mundo. BRAVO ONLINE. São Paulo, n. 188, abril, 2013.

Assim como no famoso autorretrato de M.C. Escher, Mão com esfera refletora, um detalhe transpassa toda a dimensão pictórica e factual da imagem: Salgado aparece como elemento externo à fauna e à flora, protagonizando o que seria o único autorretrato da obra Gênesis. Quando ampliada, a imagem revela a postura do fotógrafo diante do animal no momento do ato fotográfico, mais um exemplo do conhecimento e confiança do profissional perante a imprevisibilidade da natureza. Crenças sobre uma possibilidade fotográfica materializadas em um enquadramento com diversos planos em foco.

Peirce chama de “experiência colateral” ou “observação colateral” o conhecimento que brota da experiência perceptiva e implica um tipo muito particular de inferência: o julgamento perceptivo. Para Peirce, produção de familiaridade como o real se deve a abduções não-conscientes, ou seja, a criação de hipóteses falíveis, que nascem de uma maneira muito semelhante aos mundos possíveis de nossos sonhos, mas que recebem uma injeção de realidade devido à insistência da realidade que lhes serve como lastro. Aqui está a semente tanto da



imaginação criativa dos poetas e matemáticos quanto a imaginação lógica que nos permite, por exemplo, antever o resultado final de um conjunto de fatos isolados que, ao se juntarem, produzem um efeito único – como é o caso da imaginação dos fotógrafos, dos designers, dos atores e de tantas outras atividades criativas que dependem de um elemento existencial, de cognição situada no espaço-tempo. Ou seja, de índices.

Para exemplificar sobre esses dois tipos de crença, prática e teórica, Peirce narra um episódio de sua vida em que Herbert, seu irmão mais jovem, antecipa seus familiares e salva sua mãe do fogo provocado por um combustível inflamado que caíra sobre sua roupa, durante uma reunião à mesa de jantar. Quando Charles pergunta a Herbert como pode agir tão rápido, ele responde que já havia considerado essa hipótese um dia antes daquele momento (PEIRCE, 1931-1935, v. 5). Herbert havia imaginado a cena da família em torno da mesa e a possibilidade de o querosene da lamparina ser derrubada acidentalmente sobre as muitas camadas de algodão de um vestido feminino do século 19. Em sua mente, ele criou um diagrama da situação toda, extraiu dessa imagem consequências necessárias e inferiu o melhor tipo de conduta possível a partir dos conhecimentos que possuía àquela época.

Nesse exemplo, temos uma prova da utilidade do pragmatismo peirceano: hipóteses teóricas e disposição para a ação se entrelaçam para produzir uma conduta prudente. A dimensão teórica é dada pela faculdade de imaginação, de arranjar os elementos da realidade num certo diagrama mental, e agir mentalmente sobre esse diagrama de maneira a extrair dele certas consequências possíveis, capazes de produzir determinada crença. A dimensão prática é dada pela criação de um hábito de ação, ou conduto inteligente.

Essa capacidade de imaginar possui, nesse sentido, um papel fundamental na previsão das ações tomadas pelos indivíduos, pois é por meio dela que elaboramos um "mundo interno" de situações possíveis: "se destaca no nexos entre imaginação e ação um vínculo cujo fim é incrementar a generalidade do mundo" (ANDACHT, 1996, p. 1269). A condição de possibilidade nos permite entender o mundo além do exato e determinado, e nos abre espaço para o que talvez seja ou o que talvez aconteça.



## **Experiências em imagens**

Um trabalho fotográfico como Gênesis, que nos remete, entre tantas ideias, às experiências de vida de Sebastião Salgado, sustenta-se pela capacidade do fotógrafo em unir seus instintos, entendidos aqui como crenças práticas, e sua capacidade de testar as hipóteses construídas durante sua busca pelas imagens. Ao pensar sobre quais seriam as consequências desse diagrama, ou seja, quais seriam as imagens que conseguiria registrar, Salgado elaborou uma narrativa imaginária que o motivou a procurar e registrar as fotografias, que antes eram apenas hipóteses. Quer dizer, imaginou que poderia encontrar aquelas cenas, então foi atrás delas. Daí a ideia de que "não temos poder algum de Intuição, mas, sim, toda cognição é determinada logicamente por cognições anteriores" (PEIRCE, 1931-1935, v. 2).

Essa busca foi possível, portanto, pela experiência enquanto viajante e fotógrafo de campo. Um fotógrafo treinado dentro de um estúdio para fotografar peças de porcelana provavelmente teria muito mais dificuldade para encontrar leões marinhos e retratar povos e tribos distantes. Isso porque uma fotografia publicitária para uma capa de revista, por exemplo, possui um conjunto de regras que permitem a existência de uma certa previsibilidade: controla-se a luz, o modelo, a maquiagem, o cenário, entre tantos outros aspectos.

O mundo da vida, porém, não é feito de regras determinísticas. O que permite ao fotógrafo ir a campo e conseguir capturar as imagens que procurava é sua capacidade de sintetizar por meio da experiência colateral, ou seja, extrair de suas experiências de vida certas consequências que, submetidas ao crivo da realidade, confirmarão as hipóteses previamente formuladas. O resultado desse processo cognitivo realizado por uma mente fértil de imaginação e um espírito corajoso e uma competência técnica bem treinada são imagens fotográficas que encantam e despertam a curiosidade, como as fotografias de Gênesis.



## Referências

- ANDACHT, Fernando. El Lugar de la imaginacion en la semiótica de C. S. Peirce. In: ANUARIO FILOSÓFICO, 29., 1996, Pamplona, Navarra. Espanha: Universidade de Navarra, 1996. p.1265-1290.
- CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1935. vol. 1 ao 6.
- \_\_\_\_\_. **The essential Peirce**. Bloomington, USA: Indiana University Press, 1992. v. 1
- \_\_\_\_\_. **The essential Peirce**. Bloomington, USA: Indiana University Press, 1998. v. 2
- PERSICHETTI, Simonetta. **Imagens da fotografia brasileira**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- ROMANINI, V. **Semiótica minuta**: especulações sobre a gramática dos signos a partir da obra de Charles S. Peirce. 2006. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <[http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/file/bdt/2006/2006-do-romanini\\_anderson.pdf](http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/file/bdt/2006/2006-do-romanini_anderson.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2014.
- ZANATTA, Kênya. Viagem às origens do mundo. **Bravo Online**, São Paulo, n. 188, abr. 2013. Disponível em: <<http://bravonline.abril.com.br/materia/viagem-as-origens-do-mundo>>. Acesso em: 28 fev. 2014.

Silvio Nunes Augusto Junior – Universidade de São Paulo – USP.  
São Paulo | SP | Brasil. Contato: [silvio.augusto@usp.br](mailto:silvio.augusto@usp.br);  
[silvioaugustojr@gmail.com](mailto:silvioaugustojr@gmail.com)

Anderson Vinícius Romanini – Universidade de São Paulo – USP.  
São Paulo | SP | Brasil. Contato: [vinicius.romanini@usp.br](mailto:vinicius.romanini@usp.br)

Artigo recebido em fevereiro de 2014 e  
aprovado em abril 2014.